

# Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

12 Mar 2016  
18:00 Sala Suggia

**Leopold Hager** *direcção musical*  
**Benjamin Schmid** *violino*



1ª PARTE

**Anton Webern**

*Im Sommerwind* (1904; c.14min.)

**Alban Berg**

Concerto para violino e orquestra, "À memória de um anjo" (1935; c.24min.)

1. *Andante – Allegretto*
2. *Allegro (ma sempre rubato)*



2ª PARTE

**Arnold Schoenberg**

*Noite Transfigurada* (1917/1943; c.30min.)

Cibermúsica 17:15

Palestra pré-concerto por **João Silva**



casa da música



Maestro Leopold Hager  
sobre o programa do concerto

<https://vimeo.com/157741106>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco  
RESEARCHE  
RESEARCH  
RESEARCH

REMA  
RESEARCH  
RESEARCH

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO  
EUROPEAN  
CONCERT HALL  
ORGANISATION

TENSO

## Anton Webern

VIENA, 3 DE DEZEMBRO DE 1883

MITTERSILL, 15 DE SETEMBRO DE 1945

### O Romantismo tardio em

#### *Im Sommerwind*

A música de Anton Webern é muitas vezes apresentada como o expoente máximo da síntese em contextos atonais e dodecafônicos seriais. Contudo, esses modelos só foram adoptados pelo compositor após o seu contacto com Arnold Schoenberg. Até então, o estilo juvenil de Webern encontrava-se fortemente enraizado nas práticas tardo-românticas germânicas. Nascido em Viena, e pertencente a uma família com posses, Webern estudou piano e violoncelo a título privado. O compositor passou grande parte da sua juventude em Graz e em Klagenfurt. Nesse período, a sua família manteve uma propriedade rural, Pregelhof, e passava lá algumas temporadas. Em 1902 Webern matriculou-se na Universidade de Viena, onde estudou musicologia com Guido Adler. Quatro anos depois, concluiu a sua tese de doutoramento sobre o contrapontista do Renascimento Heinrich Isaac. Nesse período, Webern deslocou-se a Berlim, contemplando ter aulas de composição com Hans Pfitzner, um dos mais importantes pedagogos germânicos da altura. Contudo, incompatibilidades estilísticas fizeram com que retornasse a Viena, onde se tornou aluno de Arnold Schoenberg no Outono de 1904.

*Im Sommerwind* foi composto pouco antes desse encontro determinante. Desse modo, enquadra-se num estilo tardo-romântico que é pouco associado a Webern. Aliás, a obra foi estreada em Maio de 1962, muito tempo depois da morte do compositor, e editada quatro anos depois. A estreia esteve a cargo

da Orquestra de Filadélfia, sob a direcção de Eugene Ormandy, no Primeiro Festival Internacional de Webern, realizado em Seattle. A realização desse festival, organizado por Hans Moldenhauer, reflecte a relevância da obra de Webern para os compositores desse período, fortemente influenciados pelo serialismo. A memória do período americano de Arnold Schoenberg ainda se encontrava muito presente e Stefan Wolpe, antigo aluno de Webern, tinha ensinado diversos compositores importantes nos Estados Unidos da América. Paralelamente, a dominância dessa tendência estilística nos departamentos de composição das universidades americanas reforçou a presença da obra dos compositores associados à Segunda Escola de Viena nesse contexto.

A obra enquadra-se num estilo tonal característico do final do Romantismo, e recorre a uma grande orquestra. Apesar de uma das maiores influências dos compositores da Segunda Escola de Viena ter sido Gustav Mahler, o “idílio para grande orquestra” *Im Sommerwind* encontra-se mais próximo do tardo-Romantismo de Richard Strauss. A obra é inspirada num poema do político e escritor alemão Bruno Wille (1860-1928) que narra um passeio pelos bosques e campos num dia de Verão. Essa visão idílica da Natureza é traduzida para orquestra sinfónica por Webern de forma quase directa. Inclusivamente, pensa-se que a obra possa ser uma evocação do ambiente rural vivido pelo compositor na Pregelhof familiar.

*Im Sommerwind* tem início com uma massa sonora estática em que se destacam os trilos de vários instrumentos solistas. Esse dado aponta para um aspecto que será recorrente na obra de Webern, o recurso a uma orquestração quase camerística. Aqueles motivos solistas vão transitando entre os diversos instrumentos, numa animada troca de materiais,

ilustrando os sons do campo. *Im Sommerwind* tem um carácter descritivo e uma forma descontínua e fragmentária. Todavia, o seu cariz rapsódico é unificado por alguns temas que perpassam recorrentemente o tecido orquestral. Se a condução melódica, o trabalho harmónico e o recurso a uma grande orquestra remetem para os poemas sinfónicos de Richard Strauss, a abordagem descritiva e narrativa e a redução de meios apontam para o estilo de Webern. Esse estilo é reforçado pela orquestração colorística e quase pontilhista, um elemento que se tornará central em toda a obra do compositor.

## Arnold Schoenberg

VIENA, 13 DE SETEMBRO DE 1874

LOS ANGELES, 13 DE JULHO DE 1951

### ***Noite transfigurada*: a tradução da poesia em música no Modernismo vienense**

Se Arnold Schoenberg foi o pólo aglutinador do Modernismo vienense, o sexteto para cordas *Noite Transfigurada* apresenta-se como o baptismo de fogo da sua carreira de compositor. Após ter abandonado o emprego de funcionário bancário, Schoenberg dedicou-se inteiramente à música, integrando a orquestra amadora Polyhymnia. Nessa orquestra conheceu Alexander von Zemlinsky, um importante compositor e director de orquestra da época, e um dos principais impulsionadores do Modernismo vienense. Os dois músicos aproximaram-se e Zemlinsky tornou-se um dos mentores e professores de Schoenberg. A proximidade entre ambos era grande e, posteriormente, Schoenberg casou com Mathilde, a irmã de Zemlinsky. Foi pouco depois de ter conhecido Mathilde que o compositor come-

çou a escrever *Noite Transfigurada*. A obra é uma ilustração instrumental do poema homónimo do simbolista Richard Dehmel (1863-1920). Nesse poema, Dehmel relata um passeio nocturno de um par amoroso. No caminho, a mulher confessa ao homem que espera um filho de um homem que não ama. Após uma pausa narrativa, o homem diz-lhe que a criança será tornada sua pelo amor. Eles abraçam-se e beijam-se, continuando a caminhar pelo bosque escuro.

O poema encontra-se dividido em cinco estrofes e a música de Schoenberg está escrita num andamento dividido em cinco secções. Dessa forma, cada secção corresponde a uma estrofe do poema. Mantendo essa proximidade entre o texto e a sua evocação instrumental, *Noite Transfigurada* encontra-se numa forma ABA'CA", em que o A representa a intervenção do narrador no poema. Altamente contrapontística, a obra foi destinada a um sexteto de cordas, tornando-a um dos primeiros poemas sinfónicos escritos para conjunto de câmara. Isto coloca em evidência a porosidade e hibridade das formas musicais do Modernismo. Assim, algumas perspectivas apresentam *Noite Transfigurada* como uma forma rondó altamente transformada. Para isso contribuiu a repetição transformada da secção A ao longo da obra. Dessa forma, há uma associação quase directa de alguns temas a secções da narrativa. Outras visões relacionam *Noite Transfigurada* com uma elaboração complexa da forma-sonata. Nessa época, Schoenberg encontrava-se fascinado pelo contraponto transformativo presente na obra de Brahms e pela abordagem harmónica wagneriana. Assim, a apreciação da obra esteve longe de ser unânime na Viena do início do século XX.

A obra foi estreada na Musikverein dessa cidade a 18 de Março de 1902. A sua recep-

ção foi contraditória, e reflectiu a polaridade existente entre a música absoluta de tendência tardo-romântica e a música programática de feição modernista. A valorização do contraponto, o recurso à dissonância, o diferimento dos pontos de repouso e a manipulação da tensão desenvolvidos por Schoenberg encontraram apoiantes e detractores no meio musical vienense. Presente na estreia, Richard Dehmel afirmou que tentou seguir os temas do poema na música, mas que esta rapidamente se impôs ao sentido das palavras. Em 1917, o compositor fez uma versão para orquestra de cordas, que foi revista em 1943. Neste concerto será interpretada a última versão, completada quando Schoenberg já se encontrava nos Estados Unidos da América fugindo ao nazismo. Nessa revisão, o compositor trabalhou o equilíbrio entre os diversos naipes da orquestra. Assim, uma das pedras basilares do Modernismo vienense recebeu uma nova roupagem após uma viagem transatlântica.

### ***Verklärte Nacht* / Noite transfigurada**

Poema de Richard Dehmel (1863-1920)

*Duas pessoas caminham num bosque despido  
e frio;*

*Acompanha-os a lua, eles olham-na.*

*A lua move-se por cima dos grandes carvalhos  
e nenhuma nuvem turva a luz do céu*

*para o qual as negras pontas dos galhos se  
estendem.*

*Ouve-se a voz de uma mulher:*

*«Trago dentro de mim uma criança, e não é tua,  
a teu lado caminho e em pecado.*

*Grave ofensa, contra mim mesma, cometi.*

*Já não acreditava que poderia ser feliz*

*e tinha ainda um forte desejo*

*de algo que desse sentido à minha vida –*

*a alegria de ser mãe*

*e os seus deveres – por isso pequei,*

*por isso deixei que o meu sexo*

*fosse tomado por um estranho*

*e por tal me senti abençoada.*

*A vida tem agora a sua vingança,*

*agora que eu te conheci!..*

*Ah! Que eu te conheci!.. »*

*Ela caminha com passos incertos,*

*olha para o alto; a lua a acompanha.*

*O seu olhar negro inunda-se de luz.*

*Ouve-se a voz de um homem:*

*«Não permitas que a criança que concebeste  
se torne um peso em tua alma!*

*Oh! Vê como o universo tão claro brilha!*

*Ao redor de tudo existe um fulgor.*

*Flutuas comigo num mar gelado,*

*mas uma centelha de calor tremeluz*

*de ti em mim, de mim em ti.*

*Ela irá transfigurar a criança desse estranho*

*e a terás de mim, de mim nascida,*

*a mim trouxeste o esplendor*

*e de mim fizeste uma criança. »*

*Ele enlaça-a pelos fortes quadris*

*e os seus hálitos na brisa se tocam.*

*Duas pessoas caminham numa noite alta e clara.*

Tradução de Ofélia Ribeiro, gentilmente cedida  
pela Fundação Calouste Gulbenkian

## Alban Berg

VIENA, 9 DE FEVEREIRO DE 1885

VIENA, 24 DE DEZEMBRO DE 1935

### **Concerto para violino “À memória de um anjo”: entre o virtuosismo modernista e a expressividade romântica**

O círculo de principais compositores da Segunda Escola de Viena é completado por Alban Berg. Berg foi aluno de Schoenberg e colega de Webern, tendo conciliado eficazmente uma abordagem modernista com a herança tardo-romântica. Se as restantes obras do programa deste concerto pertencem ao início do Modernismo e ao período de juventude dos seus compositores, o *Concerto para violino* foi umas das últimas obras escritas por Alban Berg. Composto entre a Primavera e o Verão de 1935, o concerto resultou de uma encomenda do então jovem violinista americano Louis Krasner. Nessa época, a ascensão do nazismo limitou a carreira de muitos músicos de ascendência judaica, entre os quais Alban Berg. Vivendo um período de dificuldades financeiras, o compositor viu-se forçado a aceitar a encomenda. Pouco tempo após a aceitação, Berg recebeu a notícia da morte de Manon Gropius, filha do arquitecto Walter Gropius e de Alma Mahler. Manon faleceu aos 18 anos, vítima de poliomielite. O *Concerto para violino* transformou-se então num tributo à memória da adolescente. Assim, Berg cria um concerto programático de grande intensidade expressiva, associando-a ao virtuosismo solístico.

A obra foi estreada em Barcelona, a 19 de Abril de 1936, pela Orquestra Pau Casals sob a direcção de Hermann Scherchen e contando com Krasner como solista. O concerto foi escrito de acordo com uma técnica desenvol-

vida pela Segunda Escola de Viena no início da década de 1920, o dodecafonismo serial. Essa técnica implica a escolha de uma sucessão das doze notas da escala numa forma organizada – a série. Essa sequência sonora pode ser transposta, invertida, retrogradada e simultaneamente invertida e retrogradada. Assim, são possíveis 48 formas da série. Contudo, os compositores não as utilizam todas, e privilegiam algumas configurações de acordo com as suas intenções expressivas. A predominância do sistema serial no trabalho dos compositores da Segunda Escola de Viena reflectiu a busca por um método que permitisse a criação de macro-formas com um grande número de referências internas. Dessa forma, as novas obras contrastavam com a abordagem aforística cultivada pelos mesmos na década de 10.

Neste concerto, Berg selecciona uma série que permite um tratamento mais diatónico ou mais cromático, remetendo inclusivamente para algumas funções tonais. Paralelamente, recorre a permutações da série que permitem combinações entre as mesmas. O concerto encontra-se dividido em dois andamentos, que se subdividem em duas secções. A primeira secção do primeiro andamento apresenta uma forma ABA, uma espécie de forma-sonata concentrada. Nessa secção, com características de prelúdio, o violino apresenta a série e a orquestra intervém na narrativa. A textura é esparsa e com solos de vários instrumentos, estando a orquestra muitas vezes dividida em vários conjuntos de câmara. O *Andante* baseia-se num *ostinato* orquestral e nas intervenções do solista em *rubato*, em que pontifica o virtuosismo. Após uma curta transição, é introduzida uma textura de dança tradicional austríaca, ilustrando a graça juvenil de Manon. O andamento termina após uma sucessão de episódios contrastantes e virtuosísticos.

O solista ocupa um papel destacado no início do segundo andamento, uma espécie de cadência virtuosística em forma de lamento que retoma alguns elementos do andamento anterior. A intensidade vai crescendo até atingir o clímax da obra, altamente reforçado pela orquestração. A meditação contemplativa caracteriza a segunda parte do andamento, um trabalho expressivo que evoca a libertação e a ausência. Assim, Berg recorreu a uma textura de coral serial e variações, a que se sucede uma melodia tradicional da Caríntia. A Caríntia é a região austríaca onde o compositor tinha uma casa e onde compôs a obra (outros compositores, como Mahler e Brahms, também escreveram obras importantes nesse contexto campestre). Na conclusão do concerto, Berg inclui uma citação do coral *Es ist genug*. A melodia desse coral foi composta por Johann Rudolf Ahle e publicada em 1662. Posteriormente, Bach harmonizou-a, e Berg citou essa harmonização. O seu texto é uma reflexão que associa a morte à libertação do sofrimento terreno. Assim, Manon Gropius libertou-se das agruras de um mundo que estava em profunda transformação. No seu epitáfio Berg funde estilos, períodos e géneros com mestria, numa das obras mais expressivas do Modernismo.

JOÃO SILVA, 2016

## Leopold Hager *direcção musical*

O maestro austríaco Leopold Hager estudou direcção, órgão, piano, cravo e composição no Mozarteum de Salzburgo, a sua cidade natal. Depois de ocupar vários cargos em Mainz, Linz e Colónia, tornou-se Director-Geral de Música em Freiburg/Breisgau, depois Maestro Principal da Orquestra do Mozarteum em Salzburgo e, até 1996, Director Musical da Orquestra Sinfónica RTL do Luxemburgo. Para além do seu trabalho intenso como maestro, entre 1992 e 2004 foi Professor de Direcção Orquestral na Universidade de Música de Viena. Entre 2005 e 2008, foi Maestro Titular da Volksoper em Viena. É Maestro Convidado Principal da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música desde Janeiro de 2015.

Tem desenvolvido relações duradouras com a Ópera Estatal de Viena e apresenta-se frequentemente em muitas das principais casas de ópera do mundo, incluindo a Ópera Estatal da Baviera em Munique, Semperoper de Dresden, Metropolitan de Nova Iorque, Chicago Lyric Opera, Royal Opera House Covent Garden em Londres, Teatro Colón em Buenos Aires e Ópera da Bastilha em Paris. Dirigiu também na Ópera de Lyon, Teatro Nacional de Praga e Festival de Edimburgo. Nos tempos mais recentes dirigiu na Ópera Alemã de Berlim (*Rosenkavalier* e *Elektra* de Richard Strauss, e a raramente interpretada *Cassandra* de Vittorio Gnegghi) e novas encenações de *O Navio Fantasma* na Ópera de Leipzig e de *Tristão e Isolda* na Staatsoper de Estugarda. Na Ópera de Lyon, juntou-se ao encenador Rolando Villazon para apresentar *Werther* de Massenet. Dirigiu ainda duas novas produções de óperas de Mozart na Ópera de Nice.

A sua grande experiência torna-o um maestro muito requisitado, tendo dirigido as principais orquestras da Europa e EUA. A sua relação próxima com a English Chamber Orchestra está largamente documentada em várias gravações. Tem dirigido repetidamente a Filarmónica de Viena, não só em Viena, mas também em Praga e Roma. Esta colaboração prosseguiu em 2013 com a interpretação do *Requiem* de Mozart, novamente em Roma.

Leopold Hager é conhecido como um defensor pioneiro da interpretação mozartiana, particularmente pelas suas apresentações em concerto, em Salzburgo, das obras cénicas de juventude até então praticamente desconhecidas, tais como *Lucio Silla*, *Apollo et Hyacinthus*, *Ascanio in Alba* ou *La Betulia liberata*. Durante a Semana Mozart de Salzburgo, em 1979, dirigiu a primeira interpretação completa de *Il sogno di Scipione*. As suas gravações destas obras com cantores de topo são ainda referências na discografia. A sua extensa discografia inclui ainda todos os Concertos para piano e Árias de concerto de Mozart.



## **Benjamin Schmid** *violino*

Benjamin Schmid é um dos violinistas mais versáteis da actualidade, com um repertório excepcionalmente vasto e um estilo muito pessoal. O núcleo da sua carreira consiste na interpretação de obras de compositores austríacos como Berg, Goldmark, Korngold, Kreisler, Mozart, Muthspiel, Schoenberg e Webern. Toca e grava regularmente com a pianista Ariane Haering, focando-se essencialmente em Mozart. Desde 2011, têm editado partituras de Sonatas de Mozart e de fragmentos nunca antes publicados para a editora Henle Verlag. Schmid tem uma carreira igualmente bem-sucedida no jazz, apresentando regularmente o seu projecto *Hommage à Grappeli* em salas dedicadas ao jazz e também à música erudita.

Os momentos altos da temporada 2015/16 incluem a estreia com a Sinfónica de Toronto sob a direcção de John Storgårds. Regressa à Tonkünstlerorchester Niederösterreich e à Rheinisch Philharmonie Koblenz, bem como à Sinfónica de Oulu onde grava o Concerto para violino de Uuno Kalmi. Outros compromissos incluem concertos em países como Espanha e Portugal, colaborando com a Orquestra Sinfónica de RTVE, Sinfónica das Ilhas Baleares e Sinfónica do Porto Casa da Música. Na sua cidade (Salzburgo) toca com a Orquestra Mozarteum e em recital com Ariane Haering no Grande Auditório do Mozarteum.

O calendário preenchido de Schmid inclui colaborações regulares com orquestras como a Orquestra de Câmara Australiana, Philharmonia, Orquestras do Concertgebouw, da Gewandhaus de Leipzig e da Tonhalle de Zurique, Filarmónica de Roterdão, Orquestra da Rádio Finlandesa, Filarmónica de São Peters-

burgo e Sinfónicas de Washington e Houston. Na Ásia, toca com a Filarmónica Novo Japão, Sinfónica de Singapura e Orquestra do Festival de Hong Kong, entre outras. Desenvolve uma relação de especial proximidade com a Filarmónica de Viena: participou no concerto de abertura do Festival de Salzburgo em 2004 e tocou a versão de Fritz Kreisler do Concerto para violino de Paganini sob a direcção de Valery Gergiev em 2001 (um concerto lançado em CD e DVD pela Deutsche Grammophon). É também um convidado habitual dos principais festivais de música de câmara.

Schmid tem vindo a construir uma extensa discografia que inclui cerca de 40 CDs, muitos deles premiados. Ganhou o Prémio ECHO Klassik, foi Escolha do Editor da Gramophone e integrou a Strad Selection. Foi nomeado para o Prémio da Crítica Discográfica Alemã pela gravação do Concerto para violino de Wolf-Ferrari. O seu último álbum com o Concerto para violino de Ligeti foi nomeado "Gravação do Mês" pela revista Gramophone.

Benjamin Schmid ganhou diversos prémios em competições internacionais, incluindo o Concurso Flesch em 1992, onde recebeu os Prémios Mozart, Beethoven e do Público.

Para além da sua carreira enquanto intérprete, lecciona no Mozarteum de Salzburgo e orienta masterclasses na Escola Superior de Música de Berna. Recentemente começou a tocar num violino "Guyot" Stradivarius de 1705, cedido por um patrocinador anónimo.

## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** *maestro titular*

**Leopold Hager** *maestro convidado principal*

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Baldur Brönnimann, Olari Elts, Leopold Hager, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Jérémie Rhorer, Peter Rundel, Michael Sanderling, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Gilbert Varga, Antoni Wit, Takuo Yuasa, Lothar Zagrosek, Peter Eötvös ou Ilan Volkov. Entre os solistas que colaboraram recentemente com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Ana Bela Chaves, Sequeira Costa, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Cyprien Katsaris, Christian Lindberg, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Lise de la Salle, Simon Trpčeski ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös e Helmut Lachenmann, a que se junta em 2016 o nome de George Aperghis.

A Orquestra tem vindo a incrementar as actuações fora de portas. Nas últimas temporadas apresentou-se nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid e no Brasil, e é regularmente convidada

a tocar em Santiago de Compostela e no Auditório Gulbenkian. Para além da apresentação regular do repertório sinfónico, a orquestra demonstra a sua versatilidade com abordagens aos universos do jazz, fado ou hip-hop, ao acompanhamento de projecção de filmes e aos concertos comentados.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler e dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines”, gravado com Mário Laginha, Maria João, David Linx e Diederik Wissels, ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça pela editora Naxos. A gravação ao vivo com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos 2013 na revista Gramophone. Em 2014 surgiu o CD monográfico de Luca Francesconi, seguindo-se em 2015 um disco com obras de Unsuk Chin, ambos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2014, a Orquestra interpretou uma nova obra encomendada a Harrison Birtwistle, no âmbito das celebrações do 80º aniversário do compositor. Em 2016 apresenta uma nova encomenda a George Aperghis em estreia nacional e as integrais das Sinfonias de Prokofieff e dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

**Violino I**

Dorota Siuda\*  
José Pereira\*  
Vadim Feldblioum  
Tünde Hadadi  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Roumiana Badeva  
Maria Kagan  
Emília Vanguelova  
Alan Guimarães  
Vladimir Grinman  
Andras Burai  
Ana Madalena Ribeiro\*  
Jorman Hernandez\*

**Violino II**

Nancy Frederick  
Tatiana Afanasieva  
Pedro Rocha  
Lilit Davtyan  
Francisco Pereira de Sousa  
José Paulo Jesus  
Mariana Costa  
Domingos Lopes  
Paul Almond  
Vítor Teixeira  
José Sentieiro  
Diogo Coelho\*

**Viola**

Aida-Carmen Soanea\*  
Joana Pereira  
Anna Gonera  
Jean Loup Lecomte  
Emília Alves  
Hazel Veitch  
Theo Ellegiers

Rute Azevedo  
Luís Norberto Silva  
Francisca Moreira\*

**Violoncelo**

Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Michal Kiska  
Sharon Kinder  
Aaron Choi  
Bruno Cardoso  
Hrant Yeranosyan  
Vanessa Pires\*

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Tiago Pinto Ribeiro  
Jean Marc Faucher  
Joel Azevedo  
Nadia Choi  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Luciano Cruz\*  
Roberto Henriques\*

**Clarinete**

Luís Silva  
João Moreira\*  
Iva Barbosa\*  
Ricardo Alves\*  
Gergely Suto

**Saxofone**

Fernando Ramos\*

**Fagote**

Gavin Hill  
Pedro Silva  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Bohdan Sebestik  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Eddy Tauber  
Adrian Lavia\*  
Pedro Salazar\*

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Rui Brito

**Trombone**

Dawid Seidenberg  
Joaquim Rocha\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Bruno Costa

**Percussão**

Nuno Simões  
Paulo Oliveira

**Harpa**

Ilária Vivan  
Carolina Coimbra\*

\*instrumentistas convidados

Poema *Verklärte Nacht* / Noite transfigurada de Richard Dehmel dito por  
Diogo Martins, aluno do Curso de Teatro da Escola Superior de Música  
e Artes do Espectáculo (protocolo Casa da Música/ESMAE)



casa da música

MECENAS  
PROGRAMAS DE SALA

**mas**  
OSVALDO NEVES/ARQUITECTURA

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

**OSMAE**

APOIO INSTITUCIONAL

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

 **BPI**